

# Do Instituto de Bellas Artes ao PPGA: cem anos da escola de artes no Espírito Santo

A. José Cirillo  
UFES/CBHA

## **Resumo**

O texto apresenta um histórico do ensino da arte no Espírito Santo, desde o Instituto de Bellas Artes, em 1909, ao Programa de Mestrado em Artes, em 2006. É traçado o cenário da pesquisa em artes, centrado na reflexão sobre a cultura de pesquisa. A historiografia da arte no estado é bastante limitada, considerando que somente com a criação do mestrado é que os pesquisadores isolados se reuniram em grupos de trabalho que buscam analisar os aspectos mais significativos da produção local.

## **Palavras-chave**

Artes Plásticas, cultura capixaba, história da arte

## **Abstract**

This article presents the history of the art teaching at Espírito Santo, Brazil, from Bellas Arts' Institute, in 1909, till the Program of Masters degree in Arts in 2006. The scenery of the art researches is drawn centered into the reflection on the research culture at Universidade Federal do Espírito Santo, where the creation of the master's degree course drove isolated researchers come together to look for analyze the most significant aspects of the local art production.

## **Keywords**

Visual Arts, Brazilian Culture, Art history

### Introdução

A comunicação que trazemos ao Colóquio do CBHA tem como objetivo a apresentação do Programa de Pós-graduação em Artes, mestrado em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, que visa a formação de profissionais capazes de atuar na pesquisa, no ensino, na curadoria, na crítica, na teoria da arte, e na conservação e preservação do patrimônio artístico material e imaterial, entre outros campos que se cruzarão no horizonte dos egressos do programa. Porém, antes de falar do programa é preciso destacar alguns aspectos que o antecedem e o determinam.

Primeiramente, falar sobre a arte, seu ensino, ou sobre a pesquisa em arte no Espírito Santo, sem considerar alguns aspectos do processo de formação histórico-político-social capixaba é, no mínimo uma irresponsabilidade acadêmica que qualquer pesquisador ou historiador da arte neste estado deve evitar, sob pena de estar contribuindo para a cristalização da hegemonia dos grandes centros sobre aqueles tidos como "periféricos" ou, ainda, com a manutenção de um discurso de colonizado que se ignora e se desconstrói em função do discurso hegemônico da metrópole. Não cabe aqui fazer uma história social, política ou econômica do estado, porém destacar, brevemente, algumas características que o colocaram, mesmo estando na região litorânea, e sendo via de passagem de grandes recursos naturais, à margem do desenvolvimento tão evidente nos demais estados do Sudeste. O isolamento do Espírito Santo e a conseqüente carência de desenvolvimento qualificado de saberes e fazeres tem sua origem tanto em questões como a sua colonização por um donatário sem recursos financeiros e de pouca expressão política, passando pelo massacre impiedoso dos povos nativos por meio de batalhas sangrentas e da negação das práticas culturais locais, quanto por uma colonização e ocupação por grupos étnicos com práticas culturais pautadas no isolamento e que, ao se firmarem em solo capixaba, o fizeram com o mesmo princípio cultural de sua origem: ou seja, formaram ilhas de tradições centenárias, resguardadas pelo isolamento e frio das montanhas capixabas. Esse conjunto de ações gerou uma sociedade reservada e desconfiada, que permaneceu alienada do processo de formação da cultura nacional.

Somente com o acelerado processo de industrialização do Brasil no final da década de 1940 e a necessidade de uma malha de transporte que permitisse o escoamento, em grande escala, de produtos minerais de exportação é que o Espírito Santo recebe investimentos; porém, esses investimentos se limitavam a colocá-lo como rota de



**Sala da Escola de Belas Artes**  
década de 1950  
(acervo do Centro de Artes)

passagem e entreposto de embarque da matéria-prima fundamental para a reconstrução do mundo pós-guerra. O minério de ferro representa, entretanto, o fim de uma economia de subsistência no estado (o fim da primeira onda de desenvolvimento capixaba) e o início de sua lenta modernização. Assim, até a década de 1950, o Espírito Santo vive um processo histórico, social, político e cultural ainda distante das preocupações do século XX. Podemos, deste modo, pensar que exigir desse contexto social uma cultura de pesquisa em artes é, como dito antes, no mínimo ingenuidade e desconhecimento da realidade do próprio estado.

### **O Instituto de Bellas Artes: uma breve existência**

A situação econômica precária, associada a um atraso cultural resultante da própria falta de recursos, não foi propícia, até o metade do século XX, para o desenvolvimento das artes e, menos ainda, para o incremento de pesquisas em arte, seja na sua produção, seja em seu inventário e compreensão históricos.

Porém, mesmo nesse contexto de precariedade sócio-cultural e política, algumas iniciativas se constituíram no sentido do estudo da arte. Em 1908, o então governador Jerônimo Monteiro, no início de seu mandato empreendeu uma série de reformas que visaram mudar as características da “velha cidade”, com melhorias na seu plano urbano – como higiene e saneamento –, além de iniciativas de reforma educacional e artística. Segundo Lopes<sup>1</sup>, em 1909, Jerônimo Monteiro reabre a Biblioteca do Estado e, em 11 de Dezembro de 1909 fundou a primeira escola de Artes no Espírito Santo, o então Instituto de Bellas Artes. A proposta de criação do Instituto foi do professor Carlos Reis, ficando sob a direção do mesmo a partir de sua criação pelo Decreto nº595 de 14 de março de 1910 – o qual regulamenta o funcionamento do Instituto. Apesar de uma história breve, essa escola de arte contou com cerca de 200 alunos em seus cursos livres, e estava sediado no antigo Congresso Legislativo. Alguns de seus alunos tornaram-se conhecidos, entre eles André Carloni e Mendes Fradique, que foram alunos de desenho. Conforme o estabelecido no Decreto 595, as aulas seriam ministradas por pessoas de ambos os sexos – o que evidencia uma modernidade na filosofia da escola se comparada a outras experiências em nível mundial: a Bauhaus somente nos anos de 1920 será uma das pioneiras na admissão de

---

1 LOPES, Almerinda da Silva. Arte no Espírito Santo do século XIX à Primeira República. Vitória, Ed. Do Autor, 1997.

mulheres no seu quadro tanto como professoras, quanto como alunas; isto evidencia que Jerônimo Monteiro efetivamente promovera as bases de um novo desenvolvimento para a capital. No Decreto ainda determinava-se que todo o material seria fornecido pelo Instituto para o pleno desenvolvimento de seus alunos nos cursos que tinham duração de três anos.

O principal objetivo do Instituto de Bellas Artes era ensinar a arte e ampliar as perspectivas culturais capixabas. Porém, apesar do ineditismo das propostas de Monteiro e do empenho de Carlos Reis, em 1913 a história oficial desse Instituto chega ao fim. A alegação, do então governador Marcondes Alves de Souza, estava centrada no princípio da necessidade de economia nos gastos públicos. Assim, por meio do Decreto 1515 de 12 de junho de 1913, o instituto foi anexado à Escola Normal, mantendo sua grade curricular, a duração dos cursos, mas isentando o estado dos gastos com material das oficinas de desenho, os quais deveriam ser arcados pelos alunos. Não há registros claros do destino do Instituto após sua fusão como a Escola Normal.

Mas, com a interrupção de suas atividades, sabe-se que outras instituições e indivíduos desenvolveram, isoladamente e sem maiores repercussões, o ensino das Artes, como o desenho, a pintura, e também os instrumentos musicais (principalmente piano e violino). Entretanto, esse novo cenário cultural e artístico não propiciou a consolidação das reformas propostas por Monteiro, não atraíram novos artistas e pesquisadores de outras regiões do país, e nem construiu um debate acadêmico propício ao desenvolvimento das artes. Com isso, os jovens capixabas que tinham algum talento e, principalmente, recursos se deslocaram para outros centros urbanos mais propícios, principalmente o Rio de Janeiro, para estudar na Academia Nacional de Belas Artes ou em cursos livres naquela cidade. Os que aqui permaneceram tiveram que se organizar em profissões paralelas ao ofício das artes.

Assim, a produção das artes capixabas ficou restrita ao desempenho individual, mediado por uma formação alheia à cultura local, porém de influencia em outras regiões, como aconteceu com Levino Fânzeres, Celina Rodrigues e Aldomário Pinto. Todos voltados para uma atuação individual, apesar de terem integrado a chamada “Colmeia dos Pintores do Brasil”, que ministrava cursos livre, porém no Rio de Janeiro. Até a década de 1940, a produção das artes no estado do Espírito Santo ficou restrita a poucos artistas de expressão e principalmente com artistas visitantes, integrando exposições que

visavam o mercado capixaba, uma vez que o mercado carioca começava a tomar outros rumos com os modernistas.

#### **A partir de 1950, uma retomada das artes no estado**

A situação artística e cultural permaneceu praticamente inalterada até a década de 1950, apesar dos diversos clamores de criação de uma nova escola de arte desde o fechamento do Instituto, principalmente a partir dos anos de 1930. Em suma, Como na própria história da economia capixaba, é somente na década de 1950 que se institucionalizará o ensino da arte no estado. Em 1951, é criada a Escola de Belas Artes; e, em 1952, Instituto de Música.

Essa Escola de Belas Artes foi Integrada à Universidade do Estado do Espírito Santo e passou a funcionar como Escola de Ensino Superior com 5 cursos: Pintura, Escultura, Gravura, Arte Decorativa e Professorado de Desenho. Em 1961, a Universidade do Espírito Santo foi federalizada, e a Escola de Belas Artes se incorporou como uma de suas unidades universitárias, quando o seu currículo e corpo docente foram reestruturados e ampliados, para de adaptarem às novas exigências educacionais. Em 1969, A Escola de Belas Artes, juntamente com o curso de Arquitetura e Urbanismo integraram o atual Centro de Artes (CAR) da Universidade Federal do Espírito Santo. A partir de 1976, criou-se o bacharelado e a licenciatura em Artes, seguindo, ai sim, diretrizes nacionais – isto colocado, percebe-se que os estudos sobre a arte no Espírito Santo são, de fato, extremamente recentes. A federalização, entretanto, desses cursos não foi suficiente para incorporar às matrizes curriculares e metodológicas uma prática da pesquisa. Na realidade, no final do século XX, a pesquisa em toda a Universidade Federal do Espírito Santo representava apenas 0,5 % da pesquisa universitária no Brasil, no campo das artes esse percentual era insignificante, embora era conhecida a investigação plástica e teórica de alguns professores.

Diversas medidas foram tomadas, desde então, para o incremento da pesquisa na universidade como um todo. No Centro de Artes, entre 1999 e 2004, um Programa Interinstitucional de Pós-graduação em parceria com o Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP titulóu 16 professores do Centro de Artes, 14 deles doutores. O resultado desse investimento institucional na qualificação docente apareceu ainda em 2005. Dados do Programa de Iniciação Científica da UFES daquele ano revelaram que de um número de cinco professores no programa de 2004, saltou-se para 16 professores com projetos aprovados e mais de 50 alunos bolsistas

e voluntários em subprojetos de pesquisas vinculados às investigações dos professores. Essa era a indicação de que realmente chegara o momento de juntar os doutores mais antigos do Centro de Artes – e suas pesquisas isoladas – com esses recém-doutores e criar um Programa de Mestrado em Artes no Espírito Santo.

Deste modo, somente trinta anos após a institucionalização do ensino da arte no Espírito Santo é que se institucionalizou a pesquisa em arte com o Programa de Mestrado em Artes. Se o primeiro programa de Pós-graduação na área no Brasil foi criado a mais de 30 anos pelo professor Valter Zanini, o mestrado em artes no Espírito Santo teve sua primeira turma somente em 2006, evidenciando um amadurecimento tardio para a pesquisa em artes.

O Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES, com área de Concentração em Teoria e História da Arte, destina-se a proporcionar formação acadêmica ampla e aprofundada, desenvolvendo a capacidade de ensino e pesquisa no campo teórico, propondo-se a incrementar a pesquisa no campo da arte e arquitetura – até então efetuada de forma incipiente e dispersa. Com o PPGA/UFES, espera-se a formação de pesquisadores atuantes em grupos de pesquisa estruturados; com suportes teórico-metodológico, físico e financeiro. Busca-se incentivar os estudos sobre a produção artística propriamente capixaba, desde o período colonial aos dias atuais, não se omitindo do debate e embate das questões caras à arte brasileira e internacional.

Assim, embora a história da escola de arte no estado esteja completando seu centenário, podemos afirmar que ainda estamos relativamente distantes da consolidação de uma cultura de pesquisa. Ainda é preciso que os jovens doutores se consolidem como pesquisadores, assim como é necessário que aqueles mais antigos compartilhem sua experiência e participem daquilo que Louise Bourgeois tanto sabe aproveitar com seus jovens aprendizes e colaboradores: a vitalidade e a disposição para errar sem medo. Finalmente, parafraseando Aracy Amaral, iniciamos a sucessão das gerações de pesquisadores no Espírito Santo, cada uma dessas gerações avançando e desvelando novos objetos de estudo, novos rumos, novos limites. Deste modo, estaremos trilhando os caminhos para que a história da arte e a pesquisa em artes no estado sejam consolidadas para além dos interesses particulares de manutenção da hegemonia dos grandes centros.



**Aula de desenho em 1952**  
(acervo do Centro de Artes)

**Palestra com Carlos Cavalcante, 1957**  
(acervo do Centro de Artes)